

Eu quis ser Trovador com alegria,  
ter meus versos escritos com amor  
e não ser fruto amargo, nostalgia  
numa árvore sem flores e sem cor.  
Tentei aprimorar-me, tudo em vão.  
Se lidos ou relidos, esperança.  
Vê-los premiados com distinção?  
- apenas esperança, não confiança.  
Desta grande labuta, resta apenas,  
retalhos, só retalhos, mal cortados,  
mentalhas, todas podres, sem mecenaz.  
Os que já viram, leram, não esqueçam!  
os meus versos um dia voltarão,  
mesmo que os meus miolos, apodreçam!  
Haroldo Rodrigues de Castro \*05.04.36 †31.12.03,  
Eu Quis... em BI UBT Magé 0107

Tenho nalma um segredo e um mistério na vida:  
um amor eterno, que num minuto aflora!  
Uma infeliz paixão, que urge ser escondida,  
e que a própria mulher, que me inspirou, ignora!  
Ai de mim! Hei-de ir só, pela existência a fora,  
conquanto sempre junto a esta visão querida!  
E morrer, sem pedir ou merecer, embora,  
um sorriso... um olhar... uma frase perdida...  
E ela, que a alma possui, só de ternura cheia,  
segurá seu caminho, indiferente e alheia  
ao murmúrio de amor, que a seus pés se erguerá...  
Fiel ao nobre dever, a um tempo honesta e bela,  
dirá, por certo, ao ler meus versos cheios dela:  
"Que mulher será esta?...?" E não compreenderá...  
Alex Felix Arvers 1806-1850, Soneto (trad de Raul Machado); em  
Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Millet, 3ª Edição 1963

Abro la urna de los adjetivos  
que estaban páldos de tanta sombra  
y la prosodia que articula y nombra  
los recibe con puntos suspensivos  
cansado de pronombres relativos  
prefiero la sintaxis que me asombra  
las comillas debajo de la alfombra  
espían a los nuevos sustantivos  
se turnan el temor y la osadía  
entre los verbos que no dejan huella  
y los paréntesis con su intervalo  
con la sabia gramática o sin ella  
no pensé que una noche escribiría  
un soneto tan frívolo y tan malo.  
Mario Benedetti, Soneto Gramatical: de  
La Vida Esse Paréntesis, 1999

**SELEÇÕES EM FOLHA**  
mfinenendez@ig.com.br

Año 8, Nº 03 – 2004, MARÇO  
Assinatura até Dezembro de 2004: 9 selos postais de R\$ 0,50  
ou informe seu E-Mail para remessa.

En el extraño bazar  
del amor, junto a la mar,  
la perla triste y sin par  
le tocó por suerte a Agar.  
Agar, de tanto tenerla  
al pecho, de tanto verla  
Agar, llegó a aborrecerla:  
majó, tiró al mar la perla.

Y cuando Agar, venenosa  
de inútil furia, y llorosa,  
pidió al mar la perla hermosa,  
dijo la mar borrascosa:  
“¿Qué hiciste, torpe, qué hiciste  
de la perla que tuviste?  
La majaste, me la diste:  
yo guardo la perla triste.”

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XLII  
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Te vi un punto, y flotando ante mis ojos  
la imagen de tus ojos se quedó,  
como la mancha oscura orlada en fuego  
que flota y ciega si se mira al sol.  
Adonde quiera que la vista clavo  
torno a ver sus pupilas llamear;  
mas no te encuentro a ti, que es tu mirada,  
unos ojos, los tuyos; nada más.

De mi alcoba en el ángulo los miro  
desasidos fantásticos lucir:  
cuando duermo los siento que se ciernen  
de par en par abiertos sobre mí.  
Yo sé que hay fuegos fatuos que en la noche  
llevan al caminante a perecer:  
yo me siento arrastrado por tus ojos,  
pero adónde me arrastran no lo sé.

Fatigada del baile,  
encendido el color, breve el aliento,  
apoyada en mi brazo  
del salón se detuvo en un extremo.  
Entre la leve gasa  
que levantaba el palpitante seno,  
una flor se mecía  
en compasado y dulce movimiento.

Como en cuna de nácar  
que empuja el mar y que acaricia el céfiro,  
tal vez allí dormía  
al soplo de sus labios entreabiertos.  
¡Oh! ¡quién así, pensaba,  
dejar pudiera deslizarse el tiempo!  
¡Oh! si las flores duermen,  
¡qué dulcísimo sueño!

Gustavo Adolfo Bécquer 1836-1870, de Rimas Y Leyendas (Otras Rimas), Edición de Enrique Rull Fernandez – Plaza & Janés Editores, S. A., Bilbao, 2ª edición 1985.

Quando o sucesso do irmão em ti vem causar tristeza, anula em teu coração tudo que tem de grandeza.	Teus segundos de estesia para sempre ficarão, se toda tua poesia proceder do coração.	Quando se cobra saudade o preço é bem complicado. Saudade e felicidade tem sempre o valor dobrado.	De nada adianta aos cristãos falar do injusto e da cruz, porém lavando suas mãos às palavras de Jesus.	Se a semente da cobiça por descanso encontra o chão, a inveja reponta e viça onde viçava a união.	São Paulo, terra de amor, poema da natureza; por mais distante que eu for, retornarei com certeza.
Auroлина de Castro	Auroлина de Castro	Haroldo R. de Castro †	Manoel F. Menendez	Newton Meyer, em Travolgeo 0402	Wilson de Oliveira Jasa, em Fanal 0402

Ao baque de um caqui pássaros assustados fugindo... voltando...	Mar com nevoeiro a luz turva do farol não chega ao rochedo.	Libélula voando para um instante e lança sua sombra no chão.	Depois da chuva vagorosamente, a lua. Sombras de pinheiros.	Clara luz da lua dança nas poças d'água com o vento suave.	Canta alegre na colheita de arroz, multidão vivaz!	Roupas no varal. Vento de outono sacode flores desbotadas...
Clicie Pontes	Estela Bonini	H. Masuda Goga	Jorge Lescano	José N. Reis	Sérgio O. A. de Souza	Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haikai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO		(QUIDAI) OUTONO
No pé de imbaúba, um urubu agitado, faz louro voar...	O rouxinol canta. Muitas rosas no jardim. Dia da Poesia.	A aurora desponta mais bela, mais fulgurante... Dia da Poesia!!!
Vencendo a neblina, um cortejo de faróis. Motoristas calmos.	Na noite estrelada, vem a lua de luz aberta pedindo passagem...	Gritaria na esquina apregando pamoinha – corre a criançaça.
Oblongos pingentes balançam nos tamarindos, na imensa alameda...	Guri o muro tolhe faltar – em pé de abacate... – Vizinho nem colhe.	A mãe periquito grade, poleiro, grade... Ensino ao filhote!
Floresta desperta pinhas pisadas crepitam sinais de alerta.	Ouçõ Morse na árvore; em mensagem de estupro... Pica-pau agindo!	No celeiro rico o velho feliz reparte colheita abundante.
Fios de prata escorrendo, são chuvas do outono.	Meteoros riscam os céus. Lindo espetáculo!	abro a janela e contemplo a noite estrelada.
Gominhos salientes enfeitam frutas redondas. Pinhas na bandeja.	A pinha, no chão, com pinhões aglomerados: não estão maduros.	Do milho ralado, pamoinha na folha verde. Delícia de lanche.
Misterioso vêu encobrinha as estrelinhas... neblina noturna.	Bonita figueira carregadinha de figo aguarda colheita.	Urros e grunhidos. No Dia dos Animais, selva em sinfonia.
A beira da estrada as cores lílas e verde. Flores de bonina.	Faixas e mais faixas com versos pela cidade! Dia da Poesia.	Mercado de peixe tumulto, gente a gritar. Robalo em oferta!
Nos bicos das aves mexericas sumarentas. Pomar defalcado.	Agilmente, mãos retiram cachos dourados. Colheita de arroz.	Jardim da mansão. Ao centro arbusto repleto de figos maduros.
Pacotes marrons enfeitam os galhos da árvore dando tamarindos.	Fruta saborosa figo mel, tanta doçura e parece verde.	Fazendo-se ouvir o pica-pau na floresta. Som característico.

**SELEÇÕES MENS AIS**  
**FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS**  
Remeter até 30.03.04, quigos à escolha:  
Busca-pé, Cobertor, Mororó.  
Remeter até 30.04.04, quigos à escolha:  
Árvore sem folha, Cachecol, Jardim seco.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sazão), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só *treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicuz em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apt. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfinenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicuz, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuz desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um albaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicuz de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuz cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVO À OCIDENTAL ° – TREVO PERSONAGEM \***

Tristonha libélula: °  
no surgir da borboleta  
seu mundo termina.  
Arlando Tadeu Hagen

Festeja o poeta. °  
É dia de sua filha:  
Dia da Poesia!  
Leda Mendes Jorge

No morro a rotina. \*  
Águas de março que chegam...  
Povo sem barraco.  
Humberto Del Maestro

Dia da Mulher! °  
Mas... quando se comemora?  
Eu, mulher não sei!  
M. U. Moncan

HAICUS		EM FOLHA
Asas negras no ar, bailam bandos de graúnas sobre a plantação.	Em pleno jardim, um pé de laranja-lima. Frutas entre flores.	O bico do pássaro belisca a laranja-lima. Escorete doçura!
Darley O. Barros	João Batista Serra	Angélica Villela Santos
Durante a manhã vinco negro corta os céus: graúnas em voo.	Piando na mata, a graúna solitária chama companheiro.	Dia do Turismo. E alargara divertindo o ômbus cheio.
Walma da Costa Barros	Renata Paccola	Analice Feitoza de Lima
Na paz matinal graúnas em profusão rabiscam os céus.	Dia do Turismo. Senhora revê no vídeo antigas viagens.	O vento se enrosca no pé de laranja-lima curvando seus ramos...
Walma da Costa Barros	Renata Paccola	Elen de Novais Felix
Bando de graúnas barulhentas e pretinhas, encanta o viajante.	Musitando o céu, corta o espaço um risco preto... Rastros da graúna!	Surge de repente no meio do milharal pequena graúna.
Djalda Winter Santos	Amália Marie G. Bornheim	Sérgio Francisco Pichorim
No meio da mata, arrulho constante e alegre. Graúnas no ninho.	Laranjas-lima maduras colhidas do pé. Doce entardecer.	grauúno ou pássaro preto... – canto melancólico.
Alba Christina	Sérgio Francisco Pichorim	Humberto Del Maestro
Rocio se irrita vendo as graúnas comendo o seu arrozal.	Sol... Praia lotada... Corpos molhados de mar... Dia do Turismo!	Graúna cantando, exibe, toda orgulhosa, seu negro encanto.
Analice Feitoza de Lima	Elen de Novais Felix	João Batista Serra
Galhos embalando, num ritmo acalantador... Graúnas dormindo!	Após a caminhada menino sacia a sede, só laranja-lima.	No velho quintal algumas laranjas-lima chupadas na sombra.
Anita Thomaz Folmann	Anita Thomaz Folmann	Sérgio Francisco Pichorim
Crianças e pássaros disputam as polpas doces das laranjas-lima.	Aplausos ao guia e ao motomeiro do trem: Dia do Turismo.	Que ar perfumado! São pés de laranja-lima já cheios de flores...
Amália Marie G. Bornheim	Darley O. Barros	Djalda Winter Santos
Mãe se divertindo, enquanto a criança chupa a laranja-lima.	Nun galho queimado a graúna se camufla. Preto dominante.	Fitando os meus olhos, os seus olhos negros como asas de graúna...
Analice Feitoza de Lima	Angélica Villela Santos	Elen de Novais Felix
Dia do Turismo! Sem viagens, sem paisagens... Agências fechadas!!!	Graúna pousada sobre a cerca do arrozal – sementes à vista.	Barulho lá fora Cai do pé laranja-lima madura e bicada.
Amália Marie G. Bornheim	Maria Reginaldo Labruciano	Renata Paccola

Solidão é boa ° quando você a deseja. Mas só se saudável.	Corre o caribu fugindo. Ora passa a andar. Um forte bramar.	Misturado ao pasto * na manhã, move-se à caça aos olhos oculto.	Luar sedutor, ° tudo enche de alegria. Minha alma desperta.	No pasto, um regalo: * rendilhado tremulando. Gigantescos cornos.	Penetrante frio, as árvores desfolhadas. Neve cobre o chão.	Se tu me procuras ° posso sempre ser achado. Teu coração prenda-me.
Cheryl Bogle	Daniel Baker	Devona Bassett	Esosa Aguinhem	Gabriella Bertelmann	Helen Brugger	John Keith Anderson Holland
Você, solitário, ° onde foi sua família? Por quê está só?	Foi-se a tempestade. * Solidão, natura quieta, ou belo macho em cena.	Um puro cenário ° para a morte por velhice ou bala de caça.	Excluída, na grama ° e com os meus pensamentos. Tão sozinha estou.	Sozinho no bosque envolvido pelo outono. O inverno anunciando.	Notei um mugido. ° Estou a brerrar, também. Sigam-me.	Misturado ao pasto, * longe, descansando as patas. Seren e em paz.
Jonathan Beveridge	Judith Bulloch	Lu Aboulu	Mark Ailes	Nathan Baker	Robert Adams	Sue Barry

Desvendar os segredos do hai-kai e do renga, dois modos de criação poética tipicamente orientais, é a proposta do escritor paraense Vicente Franz Cecim durante a oficina de criação literária ministrada no Instituto de Artes do Pará (IAP). Direcionada a escritores e estudiosos de literatura, a oficina vai promover uma viagem pela cultura oriental, destacando aspectos da religião, da filosofia e da estética, além de permitir a experimentação no processo criativo de poemas breves e concisos, que captam imagens de um determinado momento, como o *flash* de uma máquina fotográfica.

“É possível estimular a criação e a originalidade através de mecanismos que podem ser acionados. É como ligar as musas inspiradoras na tomada”, diz o escritor, que teve sua mais recente obra, “Ó Serdespanto”, considerada pela crítica portuguesa como o segundo melhor livro de 2001.

Vicente Cecim explica que o hai-kai é uma espécie de “iluminação instantânea”, que revela um aspecto misterioso, secreto e poético da vida. Em sua estrutura original constam 17 sílabas em três versos: o primeiro de cinco, o segundo de sete e o terceiro de cinco. Basicamente relaciona dois elementos básicos: um de permanência (a

condição geral, como uma estação do ano) e outro de transformação (a percepção momentânea de um fato).

No livro “A Arte no Horizonte do Provável”, Haroldo de Campos diz que o Ocidente “descharacterizou essa composição epigráfica, tirando-lhe a linguagem altamente concentrada e vigorosa” e tornando o hai-kai uma “poesia de pó de arroz”. De fato, o hai-kai tem uma estrutura gráfica e semântica que, na língua japonesa, chegam a um ápice de rendimento. Mas é justamente esse o desafio dos poetas ocidentais: ser capaz de colocar emoção em apenas três versos que, juntos, somam dezessete sílabas.

São muitas as dificuldades para um tradutor de hai-kai que pretenda ser fiel ao texto original. Primeiro porque os ideogramas japoneses são sinais gráficos que representam idéias. Traduzidos, os vocábulos ou ultrapassam ou ficam aquém das 17 sílabas do hai-kai. Além disso, as palavras japonesas contidas nos ideogramas possuem ressonâncias típicas para demonstrar certos estados da alma.

**Renga** – Surgido no século XVI, o renga é um poema em cadeia, uma sucessão de estrofes que se relacionam, sendo que a primeira é escrita por um poeta, a seguinte por outro, e assim por

diante. Esse diálogo poético, em suas origens, se caracterizava pelo tom jocoso. Tempos depois, o renga tomou duas direções paralelas: uma de nível artístico, criando uma arte apurada, e outra mais popular, de tom brejeiro e cômico.

Mas seja nobre ou popular, o renga é sempre realizado coletivamente, por autores e apreciadores, sem que haja um tema a ser desenvolvido: o importante é dar vazão ao fluxo constante de belas imagens que se sucedem indefinidamente.

O hai-kai nasceu do desinteresse pelo renga, cujas estrofes sucessivas eram independentes entre si. Coube ao mestre Basho disseminar o hai-kai no século 18, tendo como precursores Soken e Moritake. Depois, outros haikaistas continuaram a tradição de Basho, como Kikaku, Buson e Issa.

No início, o hai-kai era visto como algo erudito e de técnica mais exigente, como uma arte nobre, de difícil acesso aos mortais. A partir de Basho, a simplicidade e a beleza do hai-kai, privilegiando aspectos do cotidiano e a observação da vida a partir de uma filosofia zen, conquistaram os poetas japoneses.

**Basho** – Pseudônimo de Matsuo Munefusa, Basho era filho de samurais agricultores, e aos 23 anos deixou o campo para estudar letras. Foi aluno

de Kitamura Kigin, que na época já iniciava as transformações do hai-kai. Depois criou sua própria escola literária, e durante muitos anos deixou de ter residência fixa para viver viajando e recitando seus versos. Suas viagens foram registradas no livro “Senda estreita do fim do mundo”. Basho consagrou sua vida inteira à poesia, à contemplação da natureza e à admiração dos simples, num esforço contínuo de espiritualização e aperfeiçoamento do haikai.

Guilherme de Almeida e Afrânio Peixoto são apontados como os introdutores do hai-kai no Brasil. Em 1947, Guilherme de Almeida acrescentou-lhe a rima. Outros escritores dedicaram-se ao estudo e à composição do hai-kai, como Haroldo de Campos, Millor Fernandes, Paulo Leminsky, Alice Ruiz e Olga Savary.

Com a naturalização do hai-kai em terras brasileiras, o poema japonês perdeu muitas de suas características próprias: ganhou título e rima, não se prendeu às estações do ano e deixou de lado a impessoalidade do autor.

Existe hoje no Brasil uma grande produção de hai-kais em japonês, organizada por grupos de estudiosos e registrada em publicações regulares.

Seleção Nato Azevedo

Manhã de abril o vento tenta enxugar as roupas no varal.	Depois das chuvas a goiaba mostra as sementes rachada no chão.	Fardo nos ombros o lavrador caminha leve farta colheita.	No azul do céu nuvens se rasgam ao meio – lua boiando.	Noite estrelada o céu – brilhando – se abaixa silenciosamente.	As águas – tão rasas – mal cobrem os pés do menino córrego de inverno.	Sobre a folha seca a formiga atravessa uma poça de água.
--	--	--	--	--	--	--

Emunice Arruda, de Há Estações, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190; Rua Maestro Callia 123, CEP 04012-100 – São Paulo, SP; E-mail: vendas@escrituras.com.br

Parada Tanaka na Mantiqueira. Há oferta de pinhões quentinhos!	Dia da Saúde. Acidente com crianças, silêncio pesado.	Chorão da avenida deita os ramos no gramado. Quase ninguém nota.	No quintal, ao sol rubor da crista-de-galo nos verdes da horta.	O caxinguelê na copa da araucária pinhas à vontade.	Pinhão fumegante. A menina impaciente tenta comer quente.	O menino luta SF9911 SF0011 no cemitério com o vento ao acender a vela. Paulo Alfredo Feitosa Böhn
Garoa imprevista. – Guarda-chuvas e sombrinhas! grita o camêlo.	Maria-catinga pousando na minha mão. As flores no chão!.	Noitinha de outono. A bruma encobre o jardim, vidraça embaçada.	Ah, esta coriza... ponto de ônibus cheio sem lenços na bolsa.	O frio chegou. Luvas de lã esquecidas. Mãos dentro do bolso.	Lagartixa imóvel. Aranha tecendo a teia. Zás-trás – o manjar.	Dia dos Finados. Ajeito flores no túmulo. Chegam as lembranças. Olga Amorim SF9801
Dia do Soldado. Mães procuram no desfile seus soldados rasos.	Meu gorro de lã protegendo meus ouvidos só o nariz gelado.	Festança acabando. O prêmio, no pau-de-sebo permanece intacto.	Quintal bem tratado. Geadas passa o pincel nos verdes da horta.	Mourão da porteira. A coruja crocitando. Lavrador se benze.	Feriadão na praia, minuano inesperado, chuvinha miúda.	Papel cor-de-rosa na mão: correio elegante. O rosto corado. Olga Amorim/MFM

Olga Amorim, de Vó de Libélulas, 2003 – contato com a autora: Rua Cincinato Braga 535, Apto.63, CEP 01333-011 – São Paulo, SP

O tanger dos sinos acorda mais cedo o mendigo – Dia de Aleluia.	Dia das Mães – ao redor da mesa farta a festa dos filhos.	Cadeiras a leste na minha terra natal – lua desta noite!	Tarde bem azul – o brilho das nuvens de outono ao pôr-do-sol.	Nas carpas do lago silêncio quase visível – noitinha de outono.	Um longo mugido segue-se a um mugir distante – noite de luar.	Luz crepuscular – sombras perseguem o brilho das folhas de outono.
Folhas amarelas – dia a dia, meu quintal um pouco menor.	Chuvisco outonal – diante do cocho, dois porcos de olhos fechados.	Terraço ao luar – numa pausa na conversa as vozes da noite.	Mais barulhentos os hóspedes do pomar – manhã de outono.	Lua cheia sobe – entre as folhas de coqueiro agora aos pedaços.	A estrada deserta sob um céu de poucas nuvens – entardecer de outono.	Águas transparentes – num recôncavo rochoso a dança das algas.

Teruko Oda, de Janelas e Tempo, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190; Rua Maestro Callia 123, CEP 04012-100 – São Paulo, SP; E-mail: vendas@escrituras.com.br

O grande tenor se cala ante o pássaro silvestre. – É o discípulo de gala querendo escutar o mestre!	Carro de boi... No compasso de teu tristonho acalanto, a saudade atrasa o passo para escutar o teu canto.	Na suave esteira de um sonho segurará minha poesia, pois é nos versos que ponho meu mundo de fantasia.	Meu Deus, senhor do Universo, dai-me graças, por favor, para que eu cante, num verso, toda a grandeza do amor.	O canto vem da calçada!... – De cor, já sei o estribilho: – é a seresta abençoada da tua volta, meu filho!...	Em cada canto da mente o vulto dela flutua... Não é passado, é presente, o meu amor continua!
A. A. de Assis	Adilson S. Maia	Almira Guaracy Rebelo	Amael Tavares da Silva	Clenir Neves Ribeiro	Ederson Cardoso de Lima
Palavras não dizem tudo, pois, se um grande amor existe, o som de um sorriso mudo cala qualquer canto triste.	És triste, moderna praça, mesmo nas tardes mais brandas, pois perdeste toda a graça, sem o canto das cirandas!...	Malabarista dos versos, no trapézio da ilusão, salto percalços diversos, sem pôr os meus pés no chão...	Em meu quarto, hoje sombrio, na solidão que me invade, brotam versos do vazio, com requintes de saudade!	A mulher da minha vida, a que me faz tão feliz, eu guardo ainda escondida nos versos que nunca fiz!	Eu finjo que estou contente... Ela finge que está triste... – No canto do amor, a gente desafina... mas resiste!...
Gerson César Souza	Hermoclydes Siqueira Franco	Ivone Taglialegna Prado	José Messias Braz	José Vitor de Paiva	Rodolpho Abbud

XXVI Jogos Florais de Pouso Alegre, em Trovaregre 0402

Meu filho tenha cuidado, pensa nisto bem a fundo: há vestido bem lavado encobrinando corpo imundo.	É preciso ser prudente e saber como se opor: nem sempre quem é valente sai da briga vencedor...	O sorvete geladinho, durante a festa vai bem, ainda mais que o Haroldinho, não cobra nada a ninguém!	Cultivar ressentimento atividade infeliz, é querer que o ferimento dure mais que a cicatriz.	Na longa estrada da vida, onde tudo tem seu preço, lembre-se ao fim da subida, de quem ficou no começo.	Se não queres ser ferida, viva a vida cautelosa! Seja prudente, querida, não plante espinho: só rosa!
Adolfo Macedo, em 0009	Agostinho J. de Souza, em 0102	Alba Helena Corrêa, em 0103	Altair Fernandes de Carvalho, em 9908	Antonio V. Rufatto, em 9908	Célio da Silva Vieira, em 0010
Siga, filho, nessa graça da virtude que o distingue: – seja o brilho da vidraça jamais a mão do estilingue!	Barulho na copa. A moça com modos nada serenos: – Que foi, Maria? Mais louça? – Qual o quê, patroa! Menos!	Nas andanças desta vida, cada passo tem seu preço. Se me engano na subida, pago caro quando desço.	Um amigo da bebida dizia – em tom de chalaça: – As quatro ilusões da vida são três: mulher e cachaça.	O que se faz com carinho é um aroma que se espalha; perfuma qualquer caminho e vence qualquer batalha.	De barro, Deus fez Adão, e quase no mesmo instante da costela fez, então, o primeiro alto-falante.
Eliana Dagmar, em 0104	Eno Teodoro Wanke, em 0107	Ester de Moura, em 0010	Ivo dos Santos Castro, em 0107	João Roberto Gullino, em 0012	Jorge Murad, em 0106
É mania bem comum entre o comum dos mortais pensar que o direito de um vale mais que o dos demais!	Sentir, da vida a magia é o Bem poder repartir, levando a alguém alegria, sem recompensa exigir!	Com mania de grandeza, a madame refinada faz despacho, com destreza... – mas com galinha importada!	Quem disse que a vida é um jogo com certeza ele acertou enquanto pra mim é fogo! outro ganha!... e nem jogou!!!	Mãe – todo um mundo de afeto em três letras se exprimindo. Usando todo o alfabeto não se faz nome mais lindo!	Saudade é flor que na jarra do peito rasga o botão, é doença de guitarra, é gemido de violão.
Lacy José Raymundi, em 0102	Maria A. B. Dutra, em 0103	Neuci da Cunha Gonçalves, em 0102	Oefe Souza, em 9908	Serafim França, em 0107	Severino Uchôa, em 0102

BI UBT Magé: os números são datas de suas Edições (ano e mês)

Diz-se que um general, vendo a Madre Teresa de Calcutá (1910-1997) limpando feridas de leprosos, afirmou:	– Eu não faria esse trabalho por dinheiro nenhum. Ao que ela respondeu: – Eu também.	Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.	Jesus, piedoso, abre os braços, acolhendo, até, os cristãos...	Pousa a borboleta. Balança em delgado caule, e abre e fecha as asas.
		Carlos Drummond de Andrade SF 9904 SF0003	Lyad de Almeida SF9807	Manoel F. Menendez SF0310 SF0311